

## CAPELA DE SÃO GONÇALO DO PORTO

Moacyr Freitas

Após demorada busca histórica sobre a Igreja de São Gonçalo do bairro do Porto nos seus primórdios, quando a imagem do venerável santo fora trasladada do arraial de São Gonçalo Velho no Coxipó, conclui que pouco se conhece sobre a primitiva capela que recebera aquela imagem. A presença do magnífico templo atual possivelmente tenha obscurecido ou apagado de vez a imagem da singela capela que ainda existia no início da década de cinquenta deste século.

A notícia mais antiga que se conhece sobre a velha igreja vem do “Compêndio Histórico Cronológico das Notícias do Cuiabá, Repartição da Capitania de Mato Grosso (1778-1817), onde seu autor Joaquim da Costa Siqueira conta o que ocorrera em 1781 nas seguintes palavras:

*“Como o Dr. José Carlos Pereira desejava ver concluídos os dois templos de Santa Ana e S. Gonçalo, para este fim se demorou nestas minas muitos meses, aplicando-se com excessivo desvelo em uma e outra obra, de sorte que se não pode ver, dourado e pintado o de Santa Ana antes de se retirar, deixou a obra justa e consignado o pagamento dela e de São Gonçalo, cuja imagem desejava deixar colocada na sua capela antes de sua marcha para o corte, verificou com efeito o seu designo, porque 15 de novembro se cantou nele missa solene, e de tarde colocada a imagem do santo com outras mais que haviam sido da capela velha, que foram conduzidas em canoas ao porto de Cuiabá, e daí postas em andares ricamente ornados em solene procissão recolhidas à sua capela; depois do que, preparado o seu comboio e feitas as cortesias de despedidas, e partiu no dia 18 seguinte a sua jornada para Lisboa, onde foi despachado para o lugar de Intendente e Provedor da Real Fazenda da Capitania de Goiás com beca honorária. Esse Dr. José Carlos Pereira foi o terceiro Juiz de Fora desta Vila. O mesmo sentimento religioso que levara a promover a edificação da igreja de freguesia da Chapada, também fê-lo cuidar da construção da capela de São Gonçalo, onde foi celebrada a missa inaugural em data de 15 de novembro de 1781”.*



Portanto, não há dúvida de que não se refere à igreja atual.

Nasci no bairro do Porto, mais precisamente no quarteirão próximo ao da igreja de São Gonçalo, separado apenas pela travessa, cuja denominação era de Travessa São Gonçalo. De família católica, ainda menino, buscava com meus irmãos juntar aos outros amigos de infância nas divertidas brincadeiras promovidas pela paróquia. Mas não ficou apenas nisso, pois aquela aproximação resultou num vínculo maior: tornei-me coroinha da paróquia, ao lado de tantos outros amigos de saudosas lembranças, incluindo aí meus queridos irmãos.

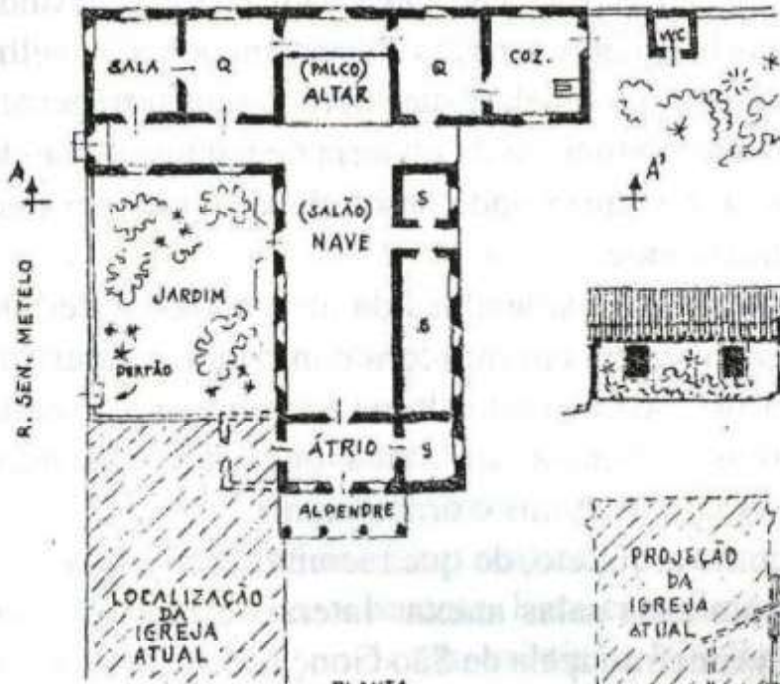
Os pormenores daquele lugar sagrado bem como das dependências anexas, como a casa antiga na continuidade do salão paroquial e outras laterais a este, tudo, no seu devido tempo, fora desvendado no cumprimento das tarefas do menino coroinha, durante vários anos.

Como pode parecer, ser coroinha não se resumia em comparecer à igreja apenas para ajudar nas celebrações religiosas com a presença dos fiéis, mas em executar outras tarefas como: ajudar o sacristão nos preparativos para as cerimônias diárias, e mais importante, para as grandes solenidades. Nas festas dos santos, com celebrações de grande público, tudo tinha de estar bom preparado. A festa de maio, por exemplo, requerida muita dedicação e assim era na preparação para o Natal e na Quaresma.

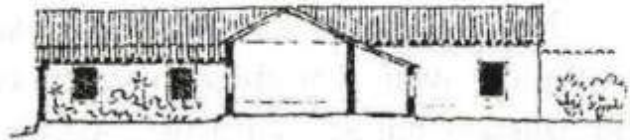
Com esta explanação quero enumerar os motivos que me levaram a conhecer todos os lugares onde frequentava para executar aquelas honrosas tarefas. Na casa dos fundos morava a professora Maricota em companhia de sua mãe. Era uma das dedicadas zeladoras da paróquia. Os coroinhas tinham liberdade de buscar sua ajuda sempre que precisassem. Sempre bem disposta, providenciava aquilo que fosse necessário. Brasas para o turíbulo era na cozinha daquela casa, assim como o carvão para mantê-las acesas, prontas para as cerimônias. Notadamente, aquela cozinha era muito frequentada pelos coroinhas. Outras vezes pedíamos passagem por dentro daquela casa para irmos tocar os sinos, principalmente aos sábados e domingos ao meio-dia, quando a porta da igreja encontrava-se fechada. Era uma das obrigações tocar o sino à quela hora, um costume da época. Assim eu pude conhecer toda a casa. Das outras dependências, como o salão paroquial, onde eram realizadas as reuniões dos marianos, dos vicentinos e de outras irmandades, conhecia cada palmo. As salas menores, onde eram guardados os andores, as imagens do presépio, materiais de ornamentações da

TRAY. SÃO GONÇALO

# CAPELA DE SÃO GONÇALO



PLANTA

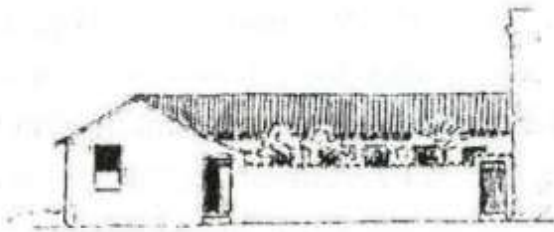


SEÇÃO AA'

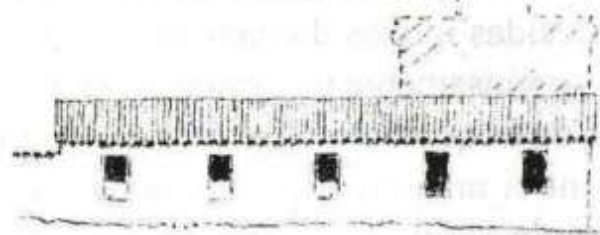


FACHADA

FACHADA FRONTAL



FACHADA LATERAL



FACHADA FUNDOS



*Sto 97*



igreja e objetos de representações do teatro, cadeiras articuladas de ferro, bancos... tudo enfim, eram conhecidas pelos coroinhas daquele tempo. Ainda conservo bem vivos na memória aqueles espaços e os pormenores da velha edificação: suas paredes grossas, suas janelas, suas portas, suas ferragens...

Dedicando-me ao estudo minucioso da história de Cuiabá, levando maior atenção para a paróquia, no bairro onde nasci, deparo-me com essa parte que me envolve profundamente.

Nos documentos antigos não há detalhes da antiga capela de São Gonçalo, construída no mesmo tempo em que fora construída a Igreja de Santa Ana da Chapada, em 1781. Apenas esta última é lembrada com certa frequência, merecendo maiores referências em livros, onde são destacados seus pormenores construtivos, arquiteturais e ornamentais.

Nada mais natural, como arquiteto, do que reconhecer naquela casa velha, no salão paroquial com suas salas anexas laterais e em todo seu detalhamento construtivo, a primeira capela de São Gonçalo do Porto, mandada construir pelo ex-Ouvidor Dr. José Carlos Pereira, pelo seu zelo religioso, nos idos de 1781. Não se trata de construção provisória. Sua arquitetura, pelas características e técnica construtiva, enquadra nas tão conhecidas igrejas do passado, vistas na cadeira de Arquitetura no Brasil, mais precisamente no estudo da arquitetura religiosa dos tempos coloniais, quando frequentava a Faculdade. No meu reconhecimento, certamente não encontrei uma arquitetura nos moldes daquela da Igreja de Santa Ana da Chapada, com seus requintes ornamentais, nem mesmo daquelas outras projetadas e construídas na mesma época, nos vários lugares do Brasil Colonial. Reconheci nela tão somente uma capela singela, que guardava em planta a forma aproximada de uma cruz, lembrando o simbolismo das igrejas cristãs primitivas. Como aquelas, era desprovida de torres. Provavelmente, os sinos estariam fora, em alguma estrutura de madeira armada para esse fim. Um átrio precedia a nave, como nas igrejas primitivas, à semelhança do "piristilo" da casa romana antiga. Na frente, o alpendre colonial das primeiras igrejas paulistas, já observadas por Belmonte no seu livro "No Tempo dos Bandeirantes". A cobertura deste alpendre era apoiada sobre quatro colunas cilíndricas de alvenaria de tijolos. O particular destas colunas era sua construção, a justaposição das peças em forma de semicírculo, que superpostas aos pares cruzados davam a forma cilíndrica do fuste. As salas laterais foram construídas encostadas no lado esquerdo da nave,



como muitas igrejas desse tempo. Do lado direito não havia salas. O telhado não era muito alto e amplas janelas abriam-se para um pátio interno ou jardim, que davam muita iluminação e ventilação ao interior. Abrindo para este jardim, uma porta confrontava-se com outra do lado oposto, ampliando a ventilação. O jardim era fechado por muro alto de taipa com um portão que abria para o exterior. No meu tempo de coroinha, havia ali uma pequena gruta de pedras num canto deste jardim, que abrigava uma imagem de louça de N.S. de Lourdes. Na fachada da capela havia o óculo, buraco redondo muito comum nas igrejas coloniais, centrado no alto do tímpano. Da casa nos fundos, como se pode ver na reconstituição da planta anexa, dava acesso direto à nave da capela pelos lados, na frente do presbitério. Após a construção da igreja grande atual, certamente transformaram este presbitério em palco para as saudosas realizações teatrais e projeções cinematográficas, de passado mais recente. Essa casa fora moradia de muitos párocos do passado, quando ainda não existia na Vila Real os padres salesianos, que chegariam 88 anos depois de sua construção.

Na obra "Um Bandeirante de Cristo", seu autor padre Wanir Delfino César escreve, referindo-se ao frei José Maria de Macerata, que foi residente da antiga casa anexa à capela:

*"Ao lado da Igreja de São Gonçalo deu início à construção do seminário o qual ficaria assim debaixo de suas vistas, pois estava ali também a sua modesta residência".*

Esse frade italiano viveu em Cuiabá e veio a falecer em 1846. O "Álbum Gráfico de Mato Grosso" (1914) informa que em 1781, quando fora construída a capela de São Gonçalo já havia a Prelazia de Cuiabá, criada em 1745 por Benedito XIV pela Bula "Candor Lucis Aeternae", mas somente em 1782 mereceu seu primeiro Prelado, Padre José Nicolau d'Azeredo Coutinho Gentil com as honras de Bispo de Zoara; portanto, 37 anos depois. Conforme escreveu Virgílio Correa Filho: "Antes, porém, que entrasse em exercício no cargo, a transferência para Goiás, em 1788, de novo abriu a vaga, que somente seria preenchida em 1803, quando a escolha recaiu em D. Luis de Castro Pereira, a 10 de setembro". Como se encontrava em Portugal, o Vigário da Vara e Freguesia de Cuiabá, Rev. Agostinho Luis Gularte Pereira o representou na posse, a 8 de dezembro de 1807. Depois, com a chegada do Bispo D. Luis, este fora nomeado Vigário Geral e Provisor da Prelazia. Com a deposição do Capitão General Magessi, am-



bos, o Bispo D. Luis como o Vigário Geral foram participar da Junta Governativa Provisória. Em agosto de 1822 falecia D. Luis, vindo a substituí-lo Frei Carlos de S. José Azevedo, mas este frei carmelita declinou da investidura que recaiu em Frei José Maria de Macerata. Assim, temos notícia que em 29 de agosto de 1823 fora nomeado Prelado de Cuiabá e Mato Grosso, Frei José Maria de Macerata, religioso Capuchinho, italiano, que desde 1819 estivera na Província. Entrou nesta Cuiabá como novo Prelado no dia 27 de maio de 1824, por escolha popular e decisão do monarca. Ele nunca obteve o título de bispo e o Governo Imperial julgou-o impedido de ocupar esse cargo por ser estrangeiro, dando por nula a sua nomeação. Estaria ali, nessa ocasião, morando na casa contígua à Igreja de São Gonçalo, como referiu-se a ele padre Wanir Delfino César? E antes dele, os 42 anos, desde a construção, quais foram os residentes na casa paroquial? Depois do seu afastamento da Diocese, Frei Macerata foi para Diamantino prosseguir seu apostolado.

Quando Hercules Florence esteve em Cuiabá em 1827, portanto, quatro anos depois da nomeação do Frei Macerata, assim descreveu num dos seus parágrafos relativos à Cuiabá:

*“Há uma cadeia, em cujo sobrado trabalha a Câmara Municipal; um quartel para a tropa, uma casa da moeda e quatro igrejas: a de Bom Jesus, que é a catedral, sem nada exteriormente que a recomende, a de Nossa Senhora do Bom Despacho, a de Nosso Senhor dos Passos e a da Boa Morte, além de uma capela consagrada a Nossa Senhora do Rosário”.*

Noutro parágrafo ele continua:

*“Outra capela fica no hospital da Misericórdia, edifício não concluído e onde mora o bispo. Para os morféticos há uma casa, situada a meia légua S da cidade. A meio quarto E vê-se perto do porto grande construção que havia sido começada para quartel. Por enquanto não é senão um corpo de guarda”.*

Este senhor, que chegara ao centro da cidade subindo pelas vias de acesso ao “porto geral” no rio Cuiabá, certamente enxergaria uma grande igreja, se nesse tempo estivesse construída a de São Gonçalo atual. Porém, existia a antiga, que não notara, a singela capela com sua casa de moradia anexa, sem nenhuma torre alta que chamasse atenção de alguém. O ilustre viajante não notara aquela capela, mas notou o primeiro pavilhão da “grande construção” que havia ali próximo... começada para quartel, certamente que se referia ao Real Trem de Guerra, nosso conhecido Arsenal de Guerra.



Encontram-se mais tarde notícia da Igreja de São Gonçalo, por ocasião da Guerra da Tríplice Aliança já em 1864, quando, após uma épica resistência de dois dias, os brasileiros do Forte de Coimbra, impossibilitados de prosseguirem na resistência ao ataque paraguaio, sem recursos de munições e alimentação, decidiram, por ordem do seu comandante Portocarrero, deixar o Forte conduzindo, silenciosamente, a imagem de N. S. do Carmo, a sua padroeira. Sem serem percebidos, embarcaram num pequeno navio, que rumou rio acima para Corumbá e depois para Cuiabá. Nesta cidade, aquela imagem fora recolhida na Igreja de São Gonçalo, após solene procissão com outras imagens igualmente salvas do Forte:

*“... foram conduzidas em procissão solene desde a beira do rio Cuiabá, debaixo de pálio, nos braços do bispo Dom José Antônio dos Reis, que fez o trajeto com os pés nus”.*

Assim escreveu Rubens de Mendonça no seu livro “Roteiro Histórico e Sentimental da Vila Real do Bom Jesus de Cuiabá”. Certamente isto aconteceu na igreja antiga, a capela, pois, pelas suas características já descritas atrás, vem ajustá-la às palavras de Joaquim Ferreira Moutinho em 1868, apenas quatro anos depois:

*“Não temos o que admirar nesta Igreja de merecimento artístico, mas ela é vasta, simples e asseada, devendo quase tudo aos cuidados do seu pároco, que morreu de bexiga”.*

Moutinho não conhecia a igreja atual, que fora cosntruída bem mais tarde, um templo de grande beleza arquitetônica.

Pouco mais de duas décadas depois da observação de Joaquim Ferreira Moutinho, chegavam os salesianos a Cuiabá. Em 1882 o bispo de Cuiabá Dom Carlos Luiz d’Amour solicitara a Dom Bosco os missionários salesianos. Em 1893 o próprio Presidente do Estado Dr. Manoel José Murtinho escrevera à Dom Luiz Lasagna, Bispo Titular de Tripoli, pedindo padres salesianos para fundarem em Cuiabá um estabelecimento de educação, oferecendo a estes apoio moral e material. Em 18 de junho de 1894 foram recebidos em Cuiabá, onde Sua Excia. o Sr. Bispo Diocesano Dom Carlos entregou-lhes a direção da Igreja Paroquial de São Gonçalo e a casa contígua. Abriram logo o “Oratório festivo de S. Luiz” frequentado por duzentos e mais e mais meninos e moços de todas as classes da sociedade e depois as primeiras aulas, como embrião do atual Colégio Salesiano São Gonçalo:



*“Em 1 de Setembro instalaram-se as aulas elementares, inferiores e superiores, bem como os cursos complementares, lecionando-se a diversos alunos do primeiro e segundo ano de ginástico”.*

*“As pequenas salas do edifício da Matriz de São Gonçalo haviam-se tornado já angustas para o número sempre maior de alunos que diariamente se matriculavam”. (Álbum Gráfico do Estado de Mato Grosso - 1914)*

Não existia ainda nada no lugar onde hoje se encontra o Colégio Salesiano, apenas uma grande adquirida pelos salesianos com auxílio do Governo. Portanto, a capela antiga de São Gonçalo e casa anexa serviram-lhes para o seu primeiro estabelecimento de ensino em Cuiabá.

Na revista “Mato Grosso”, publicada no início deste século, no seu número 7 de julho de 1907, encontra-se em “Notícias”:

*“Festa de N. S. Auxiliadora na Paróquia de S. Gonçalo - Como encerramento do mês mariano solenizado pela Benção cotidiana do Santíssimo Sacramento, sem pompa exterior considerável que foi suprida por um indescritível fervor religioso, celebrou-se a 9 do mês p.p., na Capela interina da Sede Paroquial de S. Gonçalo, a simpática festividade da gloriosa Auxiliadora dos Cristãos.*

*O Rvmo Sr. Pe. Diretor do Liceu Salesiano desta Capital, dignou-se rezar a Missa de comunhão. O celebrante proferiu “infra Missam” fervorosa prática de ocasião, e ao ressoar do inspirado motete religioso “Ecce Panis” de Mozart, distribuiu as Partículas Sagradas a muitos fiéis e a diversos meninos pertencentes ao Oratório Festivo da Imaculada Conceição dos quais doze pela primeira vez, tiveram a felicidade de receber nos seus corações o Deus Sacramentado pelo amor dos homens. Pelas 8,30 horas, deu-se começo à Missa Solene celebrada pelo Rvmo Pe José Galbusera, então digníssimo Pároco da localidade, que durante o mês de Maria, com a palavra da verdade, exortou aos seus benévolos paroquianos ao verdadeiro culto da Corredentora da humanidade.*

*A incipiente “Schola Cantorum” do mencionado oratório exibiu satisfatoriamente a missa uníssona de Renner, composta segundo o “moto proprio” do Pontífice atual.*

*À tarde, procedeu-se solenemente à Benção do Santíssimo, antes da qual o Rvmo Pe José Solari exaltou, com sua palavra ardente as prerrogativas da Celeste Égide da Igreja militante.*

*As frases musicais das mais belas ladainhas do Mestre Caetano*



*Capocci, executadas pela supracitada "Schola Cantorum", entrelaçadas pelas ladainhas ordinárias cantadas pelo povo - elevam-se aos pés da Virgem Imaculada em ondas vaporosas, como as nuvens de balsâmico incenso ao refulgente Ostensório, onde repousava a Hóstia três vezes santa. Em seguida cantou-se, por duas robustas vezes, o "Tantum-Ergo" do Mestre Salesiano Cav. José Dogliani. Qual nota final da festa entoou-se o significativo cântico "Com minha Mãe estarei" e, no auge do entusiasmo, todos os meninos oratorianos, com suas vozes altisonantes, encheram o ambiente perfumado do sacro recinto, deixando nos circunstantes a mais bela e suave impressão".*

Salientei no texto acima, sublinhando "Capela interina", para destacar a identidade do local, onde se realizava a festa. Provavelmente estaria em construção, a igreja atual. Na mesma Revista, no seu nº 1 do ano seguinte, ainda com data de 22 de dezembro de 1908, portanto, no final do ano em que realizara a festa de N.S. da Conceição, o mesmo autor O. de Barros escreveu uma outra crônica, desta vez descrevendo o Porto e suas edificações:

*"Porém, prezadíssimos leitores, desviais os vossos olhares, conduzi as vossas vistas ao quadro onde se vê a Igreja de São Gonçalo. É pela rua 15 de Novembro que se vão dissipando as tristes impressões ao estranho; as casas de escultura já um tanto elegante, uma linha de bonde para a pronta comunicação com o centro da cidade e finalmente, um bolicio mais vivo, um borborinho mais ativo, se notam, de lugar civilizado. Mais adiante colossalmente demora a igreja. Adornam-na um frontispício artístico e uma arquitetura engenhosa e elegante. Mas, como quase todas as coisas tem seu repreensível, é de se lamentar verdadeiramente que obra semelhante, merecedora de aplauso geral, tenha ficado em abandono, menos curada como infelizmente se acha. Plenamente sente-se e há assaz razões para senti-lo, de estar exposta a intempéries, já desfigurando-se uma das obras primas do talentoso e incansável Padre Solari. Portanto, prezadíssimos leitores, apelamos para o vosso espírito progressista, afim de que em poucos anos as transformações para o progresso se sucedem e o nosso Porto, o nosso árido Porto torne-se revestido de simpatia nos que chegam, mormente ao contemplar consumada a emérita obra - a Igreja de São Gonçalo".*



Acredito que continuava inacabada e paralizada a obra da Igreja. Salientei também a expressão acima “contemplar consumada”, com a qual o cronista apelava para o espírito progressista dos leitores da época, com desejo de ver a igreja acabada, pronta, consumada.

O historiador Estevão de Mendonça escreve que houve uma grande reforma na igreja em 1916. Provavelmente quando construíram o globo no alto da torre, pois em 1910 este ainda não estava lá e a igreja já estaria concluída. Assentaram a imagem do Cristo Redentor no final do ano (17/dez/1916) a 36 metros de altura, solenidade onde fez vibrante alocução o então Bispo auxiliar Dom Aquino Correa.

Todas estas referências vêm situar no tempo a construção dos dois templos religiosos para a devoção dos fiéis ao mesmo santo - São Gonçalo. Deverão, também, esclarecer aos pesquisadores da história de Cuiabá, a particular existência dos queridos templos da paróquia do Porto nos seus primeiros tempos de existência.

Infelizmente, aquela antiga capela do Porto, contemporânea da Igreja de Santa Ana do Sacramento, da Chapada dos Guimarães, ambas construídas no Séc. XVIII, não existe mais. Começava a desaparecer a antiga moradia do pároco, que fora demolida na década de cinquenta, para dar lugar a um magnífico auditório, no mais santo propósito do vigário daquela paróquia, Pe Luiz Maria Ghizoni. Não houve nenhuma interferência institucional na época para a preservação daquela importante relíquia do passado tão distante, mesmo porque, pouco se importava com a conservação da memória histórica regional. Hoje, nada mais existe daquela capela e em seu lugar a paróquia de São Gonçalo do Porto tem dependências em dois pisos, incluindo o grande espaço da Sacristia da atual igreja. São outros, os tempos agora.